

30-12-2020

AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA

Bruno Chapadeiro

[Professor do PPG em Psicologia da Saúde – UMESP]

O historiador inglês Eric Hobsbawn chegou a afirmar que o século XIX acabara não em 1900 e sim em 1914, ano em que tem início a Primeira Guerra Mundial.

Outra historiadora, a brasileira Lilia Schwarcz, inclui outro elemento nessa datação: o fim do mesmo evento e advento da “influenza espanhola” em 1918 que assolou o mundo. A mesma pontua que o século XXI só começa, de fato, nesse ano de 2020. Foram duas décadas “pisando esse chão devagarinho” para saber como, enfim, possa vir a ser esse novo milênio. Parece muito, mas não é.

“Se o observador está parado, o relógio de um sistema em movimento bate mais devagar” dizia Einstein.

Sendo o séc. XX e agora o XXI, os períodos de maior intensidade da aceleração dos tempos e movimentos no sentido de progresso tecnológico, estrutural e conceitual, do ponto que observamos os anteriores, por exemplo, “o século das luzes”, alcunha para o séc. XVIII, visa resumilo, tão somente, nas ideias iluministas que se espalharam pelo mundo. Um pequeno passo para o homem, se pensarmos em tantos outros acontecimentos de suma importância em 100 anos, mas um grande passo para a humanidade se vislumbramos seus desdobramentos como as revoluções Francesa e Industrial que mudariam para sempre a história do mundo. O fim do séc. XX de 2000 a 2019 vinha no afã de transformações tecnológicas, ambientais e sociais que nos remetem à noção do tempo do Coelho Branco do clássico de Lewis Carroll, “Alice no país das maravilhas”, preso em seu paradigma.

Diz ele de forma recorrente: “É tarde, é tarde, é tarde!”. Sempre correndo, sempre com pressa. Ávido a chegar a tempo ao compromisso que não sabemos a importância. O que se sabe, é que ele convida a protagonista a adentrar num buraco que leva a um mundo louco, ensandecido com, novamente, outra fruição do tempo. Afinal, leva a mesma a refletir o quanto mudara desde aquela manhã. 2020 parece ter nos sugado ao buraco do coelho de Alice. A temporalidade se transformou. Igualmente os contatos, afetos, o trabalho, o jeito de ser humano. Para os amantes da literatura e filmes de ficção científica como o que vos fala, é comum nesse tipo de produção, nas viagens no tempo tudo parecer confuso para os(as) que visitam o tempo passado ou futuro.

Algo em que possam agarrar que lhes traga a sensação de conforto, de que nem tudo está de ponta cabeça.

Entre paradas, parênteses e parênquimas: poema.

Dizia Walter Benjamin que, diferente da informação que só tem seu valor no momento em que é nova e vive em um vão momento precisando entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo de nele se explicar, muito diferente é a narrativa artística que conserva suas forças e não se entrega a tempo algum, de forma que, ainda depois de muito tempo, é capaz de se desenvolver e de se manter atual. Assim, a Arte (sim, com A maiúsculo por sua potência e importância), é capaz de ser realista e de se fazer a-histórica por, em sua essência, possuir uma dimensão capaz de expressar por meio de representações, o mundo do homem. Na verdade, não é a Arte que é mistificada, mas sim, o mundo que ela representa. Nas palavras do saudoso cineasta Glauber Rocha, “a função da Arte é mostrar o homem ao próprio homem”. Narciso acha feio o que não é espelho.

Então, esse espelho distorcido, faz-se justamente dessa forma para que, ante a Ele, enquanto nossa constante atemporal, possamos nos ver distorcidos, quebrados como de fato o somos. Imagem nítida e perfeita é idealizada, e não concreta. Então, Nela nos apegamos nesse começo de séc. XXI que foi o ano 2020. A Arte.

Nossa constante num mundo invertido. Dizia o filósofo húngaro Lukács que a grande Arte se origina da falta que há na interioridade do ser genérico do homem e a possibilidade de uma experiência crítica frente a ela, que só adquire um sentido histórico efetivo (positivo) na medida em que buscar o coletivo.

Deve-se à nossa fruição estética, em que suspendemos nossas vivências cotidianas alienadas, a sobrevivência para nos encontrarmos com o gênero humano em tempos tão árdus. Diz a personagem do saudoso ator Robin Williams, o inspirador professor John Keating de “Sociedade dos poetas mortos”: a Medicina, o Direito, a Administração e a Engenharia são atividades nobres, necessárias à vida. Mas a Poesia, a Beleza, o Romance, o Amor, são as coisas pelas quais vale a pena viver.

O enterro do brilhante jogador argentino Diego Armando Maradona, falecido em fim de novembro deste fatídico 2020, me propiciou tal catarse. Assistir às cenas das aglomerações do povo argentino em torno da Casa Rosada em plena pandemia para um último adeus ao seu ídolo máximo, que catapultou seu trabalho, o esporte bretão, ao nível de obra de arte, fez-me notar que a vida é maior que uma pandemia. Outrora criticaria os comportamentos antisanitários dos *hermanos*, mas os choros comovidos me fizeram pensar que, cientes de todo o risco, jamais deixariam de viver aquilo.

E que realmente não deviam. O tempo pontual desta tão doída despedida não retornaria.

continua

Deveria ser executado ali, como se não houvesse amanhã, pois a sensação em seus corações era que de fato não haveria. O tributo a uma expressão de Arte fora ali prestado, consumido *just-in-time*. E Esta existe, porque a vida não basta, nos dizeres de Ferreira Gullar. Sim, Arte em maiúsculo e vida em minúsculo pois a primeira é transcendental e a segunda “trem-bala parceiro”. Na disputa no xadrez da vida entre o perfeito e performático cavaleiro e a morte com suas trapaças n’ “O Sétimo Selo” de Bergman, só quem sobrevive na película são os artistas. Artífices da *opus* eterna, imortal, sobrevivente além-tempos. Tive a Arte talvez como a única constante nesse “além da imaginação” que foi 2020. Em respeito, não citei nessa encomendada retrospectiva, escrita ao som de “*Para que un día vuelvas*” de Pablo Milanés como me fora pedido para exercício da criatividade, o inominável tupiniquim e suas desventuras em série que, certamente, foi o Caronte, barqueiro muito bem pago em lustroso ouro, que nos conduziu a um inferno dantesco. Quando chegar o momento, esse nosso sofrimento será cobrado com juros. Juro! ele (sim em minúsculo, viste sua diminuta representatividade) passará e nós, passarinho. E eu vou morrer de rir, que esse dia há de vir antes do que ele pensa. O tempo é mero arlequim e não carece de uma Ode (que me perdoe Caetano). Ele passa? Não passa, mas é todo vestido de amor e tempo de amar (gracias Drummond). Em 2021, sob a batuta da Arte, única capaz de nos redimir da barbárie que vivemos, apesar d’ele, amanhã há de ser outro dia.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.